

03-01-2025

# Não sou, mas sou filha...

## Chiara Lages

[Bibliotecária]

A *Filha da Puta Lourdes Barreto* – Leila – é amante dessas palavras. E mineradora de "higienizações" dessas palavras. Cita exemplos de preconceitos travestidos de "higienização": - *A Lourdes é puta, mas é uma militante importante*; - *Lourdes é puta, mas tem filhos que estudaram, tem netos e bisnetos*; - *Nossa, sua letra é tão bonita para uma filha de prostituta...* Nessas expressões,



percebe "armadilhas" à conquista de respeito às Putas pelo trabalho sexual que exercem e é digno como qualquer outro. *Falando em palavras, valeu, Leila. "Higienizações" é um termo direto p'ra falar de eufemismos, incluirei nos meus fazeres com palavras.* O nome Leila Suely Araújo Barreto agradece o companheirismo da amiga de cabaré de Lourdes, que assumiu suas contas no período em que não pôde trabalhar. Alice, que perdeu a irmã gêmea Suely ainda bebê, pediu-lhe que desse esse nome à menina. Putas têm palavra, amizade e evitam mortes! Leila escapou do aborto (o 2º) graças à coragem de sua mãe em enfrentar a madame e, assustada, fugir do doutor idoso e cego (de um olho) ([Revista Piauí, 2023](#)). Lourdes escapou de também morrer, não pela idade nem deficiência do doutor. E não seria exceção... A hipocrisia teria matado a Puta Lourdes. .... O aborto<sup>1</sup> é proibido no Brasil e pode levar a mulher à detenção. É proibido, mas EXISTE, e como! Em breve revisão estatística no Brasil, tem-se que: abortos clandestinos, realizados em condições precárias, estão entre as principais causas de morte materna; na última década, seis em cada dez mortes por aborto ocorreram em pretas ou pardas; uma em cada sete mulheres já realizou aborto, a maioria antes dos 19 anos; 150 crianças por mês foram internadas em 2019 devido a aborto ([Motta, 22/09/2023](#)). .... Hipocrisia mata! Trabalho sexual digno é vida, prazer, afeto, solidariedade... Contribuí, inclusive, na educação sexual e a evitar gestações indesejadas. Leila Barreto, nascida em prostíbulo do Pará em 1966, criada com a solidariedade das Putas amigas de sua mãe, conta que sua mãe nunca escondeu a profissão, era dedicada, carinhosa, preocupada e exigente com os estudos e o caráter dos filhos. Exerce, atualmente, atividades técnicas na Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde e, na militância desde jovem, lidera o Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará ([Gempac-PA](#)). Discreta e comprometida com a causa do trabalho das Putas, tem muito do jeito despojado, solidário e agregador da mãe: *Tenho outras experiências profissionais, principalmente no trabalho de educação<sup>2</sup>. Mas o ativismo no movimento de puta faz parte da minha história de vida. [...] Queremos sair da amarra institucional [...] A "volta às esquinas" é para a gente estar na rua, somando.* Pondera que, ao se institucionalizar (nos 1990), o movimento social ganhou legitimidade e também amarras.

Trabalhadoras sexuais integram, vivem, contribuem e, por vezes, constroem as cidades. *A puta existe, a família da puta existe e além de existir, a gente tem um papel a cumprir. Eu não sou a única filha da puta. E fico pensando onde estão as outras, como é que estão, como estão vivendo e o quanto esse estigma tem sido uma dificuldade do acesso de uma série de questões* ([Fundo Brasil, 2018](#)). Lourdes Barreto (Gaze, 31/12/24), vítima de torturas, como lavar corpos no necrotério, inclusive de colegas, conheceu de perto as práticas do regime ([Revista Piauí, 2023](#)). Costuma dizer que todos os filhos e netos estudam e que tem um filho policial que nunca matou ninguém. A ditadura militar torturou, matou, estuprou, engravidou, gerou órfãos, explorou a prostituição, corrompeu policiais, ocultou esses e outros crimes, no Pará e Brasil afora. Tudo sob a cínica defesa da moral, da família e dos bons costumes. No regime, as Forças Armadas e as polícias Civil e Militar reprimiam as prostitutas com diversos tipos de tortura, exploração sexual, perseguições, prisões injustas por 'vadiagem', assassinatos. Algumas sobreviveram, como Lourdes Barreto, sob medo e insegurança permanentes. Quando detidas, por vezes, eram escoltadas para locais e horários específicos, visto o conluio entre as forças de segurança e os cafetões e cafetinas que visava o lucro com as zonas de prostituição, sob a balela do discurso que repugnava bordéis. Na capital federal, a prostituição era 'protegida' "e comandada por integrantes da Polícia Militar e das Forças Armadas, que também eram clientes dos serviços das mulheres, travestis e michês, incluindo adolescentes" ([Correio Braziliense, 2017 e veja](#)). Durante a construção da usina de Itaipu (nos 1974-1982), em Foz do Iguaçu/PR, instalou-se uma zona de prostituição próximo a um ponto de ônibus, para facilitar a chegada e saída dos operários. Nesse local, chegaram a trabalhar cerca de 10 mil mulheres fichadas pela polícia civil, o que propiciava o controle dos lucros. O mesmo cuidado no controle não foi aplicado aos métodos anticoncepcionais. O registro de crianças sem o nome do pai cresceu cinco vezes nessa região, e o número de abortos, claro, é desconhecido ([Intercept Brasil, 2021](#)). O abandono foi o futuro reservado aos filhos ignorados da ditadura. Não eram da família, eram das 'vadias' exploradas... Putas e barrageiros amenizavam a vida dura na troca de carícias, desabaços, danças, enlacs compassivos que, mesmo sem perceberem, valiam mais do que as miseráveis moedas. Putas eram fichadas para o regime lucrar e barrageiros sobreviviam aos feitores e guardas de segurança na "instituição total" Itaipu. "Morria muita gente em Itaipu" ([Gaze, 2023, p.69-74](#)). A moral social hipócrita afastou as filhas de Gabriela Leite (Garal, 02/01/25). A mesma hipocrisia que cala diante de abortos e órfãos da ditadura e condena cruelmente meninas grávidas de estupradores. Hipocrisia é normal num país hipócrita.

Às Filhas das Putas que honram as mulheres  
na luta por direitos humanos no trabalho sexual!

■ ■ ■

Notas: 1. As exceções (decorrente de estupro, risco de morte da mulher e anencefalia fetal), as duas primeiras vigentes no Código Penal desde os 1940, são acintosamente desrespeitadas. // 2. Graduação em Ciências Naturais (Universidade Federal do Pará-UFPA), Especializações: Comunicação em Saúde/Fiocruz e Educação em Direitos Humanos e Diversidade/UFPA.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.